

REPRESENTATIVIDADE DA PELE PRETA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS

REPRESENTATION OF BLACK SKIN IN SCIENCE TEXTBOOKS

REPRESENTACIÓN DE LA PIEL NEGRA EN LOS LIBROS DE TEXTO DE CIENCIAS

Ana Flávia Ferreira Santos

Professora da Rede Municipal de Piaçabuçu-AL. Licenciada em Ciências Biológicas pela UFAL/Penedo
ana.flavia@arapiraca.ufal.br

Maria Lenilda Caetano França

Professora Adjunto da Universidade Federal de Alagoas/Campus Penedo
Doutora em Educação pelo PPGE/UFS
maria.franca@penedo.ufal.br

Jonathan Henrique Gomes dos Santos

Professor da Rede Estadual de Alagoas. Licenciada em Ciências Biológicas pela UFAL/Penedo
jonathan.gomes@arapiraca.ufal.br

RESUMO

A pesquisa analisou a representatividade preta nos livros didáticos de Ciências, da editora MODERNA, publicados em 2022 e utilizados nas escolas entre os anos 2024 e 2027. Os livros didáticos, amplamente utilizados por docentes e discentes, desempenham papel central nos processos de ensino e aprendizagem e na construção de identidades sociais. Nesse contexto, busca-se compreender de que forma pessoas pretas são representadas nesses materiais, identificando se sua presença está associada a conquistas científicas, práticas culturais e ambientais, ou se ocorre de forma negativa. A pesquisa adota abordagem qualitativa, fundamentada na análise documental, considerando critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos. Apoia-se em referenciais teóricos do decolonialismo, com destaque para Aimé Césaire (1950), Frantz Fanon (2008), Walter Dignolo (2019) e Kabengele Munanga (2019), os quais contribuem para a crítica à colonialidade do saber e à invisibilização das epistemologias negras, cujas obras são marcadas pela valorização das identidades negras e pela crítica ao colonialismo. Os resultados mostram avanços lentos na construção de uma educação científica mais inclusiva, ainda marcada por desigualdades raciais. Apesar do aumento gradual da representatividade preta, permanece a centralidade da branquitude como símbolo do conhecimento científico. Ao propor reflexões pedagógicas, este estudo contribui para a ampliação da representatividade preta no ensino, estimulando a formação de cidadãos críticos e a promoção de práticas educativas que enfrentem o racismo estrutural ainda presente na sociedade brasileira.

Palavras-chave: decolonialismo; livros didáticos de ciências; representatividade preta; negritude.

ABSTRACT

This research analysed the representation of Black people in science textbooks published by MODERNA publishing house in 2022 and used in schools between

2024 and 2027. Textbooks, widely used by teachers and students, play a central role in teaching and learning processes and in the construction of social identities. In this context, the aim is to understand how Black people are represented in these materials, identifying whether their presence is associated with scientific achievements, cultural and environmental practices, or whether it occurs negatively. The research adopts a qualitative approach, based on document analysis, considering previously established inclusion and exclusion criteria. This study draws on theoretical frameworks from decolonialism, particularly those of Aimé Césaire (1950), Frantz Fanon (2008), Walter Dignolo (2019), and Kabengele Munanga (2019), who contribute to the critique of the coloniality of knowledge and the invisibility of Black epistemologies, whose works are marked by the valorisation of Black identities and the critique of colonialism. The results show slow progress in building a more inclusive science education, still marked by racial inequalities. Despite the gradual increase in Black representation, the centrality of whiteness as a symbol of scientific knowledge remains. By proposing pedagogical reflections, this study contributes to expanding Black representation in education, stimulating the formation of critical citizens and promoting educational practices that confront the structural racism still present in Brazilian society.

Keywords: decolonialism; science textbooks; black representation. blackness.

RESUMEN

Esta investigación analizó la representación de las personas negras en los libros de texto de ciencias publicados por la editora MODERNA en 2022 y utilizados en las escuelas entre 2024 y 2027. Los libros de texto, ampliamente utilizados por docentes y estudiantes, desempeñan un papel central en los procesos de enseñanza y aprendizaje y en la construcción de identidades sociales. En este contexto, el objetivo es comprender cómo se representa a las personas negras en estos materiales, identificando si su presencia se asocia con logros científicos, prácticas culturales y ambientales, o si se produce de forma negativa. La investigación adopta un enfoque cualitativo, basado en el análisis documental, considerando criterios de inclusión y exclusión previamente establecidos. Este estudio se basa en marcos teóricos del decolonialismo, en particular los de Aimé Césaire (1950), Frantz Fanon (2008), Walter Dignolo (2019) y Kabengele Munanga (2019), quienes contribuyen a la crítica de la colonialidad del saber y la invisibilidad de las epistemologías negras, cuyas obras se caracterizan por la valoración de las identidades negras y la crítica del colonialismo. Los resultados muestran un progreso lento en la construcción de una educación científica más inclusiva, aún marcada por desigualdades raciales. A pesar del aumento gradual de la representación afrodescendiente, persiste la centralidad de la blancura como símbolo del conocimiento científico. Al proponer reflexiones pedagógicas, este estudio contribuye a ampliar la representación afrodescendiente en la educación, estimulando la formación de ciudadanos críticos y promoviendo prácticas educativas que confronten el racismo estructural aún presente en la sociedad brasileña.

Palabras clave: decolonialismo; libros de texto de ciencias; representación negra; negritud.

INTRODUÇÃO

Os livros didáticos são recursos utilizados pelos docentes e discentes para melhor desempenho no ambiente escolar. Os mesmos são considerados materiais que ajudam o docente a exercer sua profissão com mais tranquilidade, pois colaboram com seus planejamentos e conteúdos a serem abordados de acordo com o período de escolaridade que esteja trabalhando. Os livros didáticos não são somente benéficos para os docentes, pois eles também ajudam no desenvolvimento e na aprendizagem dos estudantes.

O livro didático goza de uma posição de destaque no ensino, pois é um recurso didático, muitas vezes, utilizado pelo professor para organizar, desenvolver e avaliar o seu trabalho pedagógico. Para o estudante, por sua vez, o livro didático possui papel determinante na relação aluno com a disciplina, em que são construídas as expectativas, interesses e avaliações de cada área do conhecimento. (Carneiro; 2002, p. 56).

Nos livros didáticos de Ciências surgem assuntos de interesses ambientais, econômicos e sociais, e, tendo em vista o colonialismo que desfavorece as classes oprimidas, busca-se analisar aspectos em que são apresentadas imagens de pessoas pretas nesse material e em que situação elas aparecem, a exemplo de notícias onde o conteúdo aborda descobertas importantes ou em notícias que apresentam problemas sociais. Nesse contexto, a obra de Aimé Césaire (1950) propicia reflexões sobre a reconquista da identidade dos povos colonizados, materializada pela luta de libertação nacional. De acordo com Melo (2024), seus escritos são “profundamente imbuídos de consciência anticolonialista, eram vistos como uma fonte vital de inspiração para a revolta, servindo como uma alavanca para o despertar e fortalecimento dessa consciência” (Melo; 2024, p. 125).

O interesse pela pesquisa surgiu a partir da curiosidade dos filhos de umas das pesquisadoras em compreender em quais situações pessoas pretas costumam aparecer, especialmente em notícias relacionadas a profissões, ao se questionarem sobre quais carreiras poderiam seguir no futuro e de que forma essas representações dialogam com suas próprias vivências. Diante disso, analisou-se a questão da representatividade no âmbito da Ciência, área em que atuam os pesquisadores. Caso essa representatividade se mostre predominantemente negativa, a intenção é contribuir para a transformação dessa perspectiva, promovendo uma abordagem mais justa e positiva.

Neste estudo, opta-se pelo termo representação, compreendido não apenas como a presença imagética de pessoas pretas nos livros didáticos, mas como a construção simbólica de seus papéis sociais, científicos e culturais. Diferencia-se, portanto, da noção de “retrato”, que remeteria a uma reprodução descritiva, enquanto “representação” implica processos de

significação, hierarquização e produção de sentidos no interior do discurso pedagógico.

A partir dessa motivação, surgiu o interesse em observar uma coleção de livros didáticos da Editora Moderna, publicada em 2022 utilizados nos anos de 2024 e 2027 em escolas públicas, com a expectativa de que tragam exemplos de representatividade preta de forma positiva, objetivando identificar como as pessoas pretas são retratadas e quais narrativas predominam. Para isso, alguns objetivos foram projetados: I- Identificar em que contextos pessoas pretas aparecem nos livros didáticos de Ciências; II- Verificar se a presença de pessoas pretas está relacionada a conquistas, saberes científicos, práticas culturais e ambientais, ou outros formatos; e, III- Comparar a representatividade preta com outros grupos sociais e raciais presentes nos livros didáticos.

A pesquisa segue com a fundamentação teórica ancorada em autores do campo decolonial e dos estudos da negritude, tais como Frantz Fanon, Walter Dignolo, Kabengele Munanga e Lélia Gonzalez, cujas contribuições permitem problematizar a colonialidade do saber, do poder e do ser no contexto educacional, bem como explica o Programa Nacional do Livro Didático e a coleção selecionada. Em sequência apresenta-se a metodologia que justifica a abordagem qualitativa e documental, bem como as análises e as considerações.

1 O LIVRO DIDÁTICO E O PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO E MATERIAL DIDÁTICO (PNLD)

Os livros didáticos são materiais que surgiram para contribuir com o ensino ofertado nas escolas e redes de ensino, utilizados por professores que são os principais mediadores de saberes históricos, pois o livro didático é fonte de pesquisa e pode ser utilizado para se conhecer sobre a cultura escolar (Munakata, 2016). O uso do livro didático circulou no Brasil nas primeiras escolas públicas, os mesmos foram utilizados com o intuito de ensinar leitura, escrita e religião, usando imagens e textos para melhorar a aprendizagem (Bertoletti; Da Silva, 2016).

O livro didático tem sido compreendido como um objeto central na formação de leitores e na construção de saberes escolares em todas as áreas do conhecimento. O livro didático não é apenas um repositório de conteúdos, mas um mediador ativo que influencia o que é ensinado, como é ensinado e quais perspectivas são legitimadas ou marginalizadas no processo educativo (Pires et al., 2019; Cavalcanti, 2019). Essa função mediadora se estende a questões de gênero, valorização de saberes locais e representações históricas, bem como à materialidade do livro (formato, imagens, organização dos conteúdos) que afetam a experiência de aprendizagem (Milani, 2023; Mazarão, 2023).

A literatura aponta que o livro didático pode representar o único texto de contato significativo para muitos estudantes, conferindo ao objeto escolar um papel determinante na compreensão pública da ciência e da história, bem como na formação de hábitos de leitura e de métodos de construção do conhecimento (Pires et al., 2019; Cavalcanti, 2019; Cavalcanti, 2016). Segundo Bertoletti e Da Silva (2016, p. 376) “esses objetos podem ser considerados fonte privilegiada de acesso à “caixa preta” da escola”. O termo “caixa preta” pode ser visto por alguns de forma preconceituosa e racista, no entanto é usado em áreas como engenharia, tecnologia e aviação, e foi utilizado por Bertoletti e Da Silva (2016, p. 376) para falar sobre o livro didático, ou seja, sem origem racial, empregado com finalidade pedagógica e científica para designar um material que armazena e produz informações essenciais para o desenvolvimento e aprendizagem dos que estão utilizando desse recurso.

É importante combater o racismo real, mas também entender o contexto das palavras. Nem todo uso da palavra “preto” é racista, tudo depende da intenção, da origem e do significado técnico, analisando se o termo se refere a pessoas ou se é um conceito técnico consolidado. Lutar contra o racismo não significa eliminar termos técnicos históricos, mas sim educar para o uso consciente da linguagem, distinguindo ciência, cultura e preconceito.

Segundo o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), os livros didáticos são obras que apresentam conteúdos de disciplinas escolares e o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) disponibiliza obras dos conteúdos escolares organizados por áreas de conhecimento, como: Linguagens e suas Tecnologias (Língua Portuguesa, Inglês, Espanhol, Arte, Redação, Educação Física), Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias (Biologia, Física e Química) e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (Geografia, História, Sociologia e Filosofia). Além dos livros didáticos, o programa disponibiliza obras literárias, pedagógicas e materiais de Educação Digital.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino brasileira e iniciou-se, com outra denominação, em 1937. Ao longo desses 80 anos, o programa foi aperfeiçoado e teve diferentes nomes e formas de execução. Atualmente, o PNLD é voltado à educação básica brasileira, tendo como única exceção os alunos da educação infantil (Brasil, 2021, não paginado).

Ao serem disponibilizados para a rede pública de ensino, abrem-se várias portas para o conhecimento, tanto para o professor quanto para o estudante, de maneira a entender suas singularidades (Perovano, 2023). Os livros didáticos disponibilizados para os anos finais do Ensino Fundamental da rede pública, têm como foco aprofundar os conhecimentos construídos

nos anos iniciais conforme seus contextos e objetivos de ensino (Rosa; Artuso, 2019). Isso se deve ao fato de que esse público-alvo está mais próximo da vida adulta, quando precisará exercer uma profissão, e os livros didáticos estão ali para auxiliá-los em seu crescimento intelectual e profissional, despertando o interesse por alguma área apresentada por meio dos conteúdos estudados.

Segundo o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, foram distribuídas pelo PNLD anualmente cerca de 150 milhões de livros didáticos para mais de 150 mil escolas, com isso foi alcançado mais de 40 milhões de estudantes. Além de livros didáticos, também é distribuído pelo PNLD obras literárias, materiais pedagógicos e recursos digitais que auxiliam no processo de ensino-aprendizagem. (Brasil, 2021, não paginado).

O PNLD possui estratégias para cumprir um papel essencial na educação ao promover o acesso a livros e materiais didáticos de forma igualitária, garantindo que o material chegue a todos os estudantes brasileiros. Assim, em suas obras publicadas, espera-se que o PNLD contemple diferentes culturas, valorizando a diversidade presente na sociedade brasileira. Seu objetivo é promover políticas de leitura, formação de professores e melhoria da aprendizagem, por meio de um acervo que atenda aos diferentes componentes curriculares, etapas e regiões do país, com procedimentos de avaliação que assegurem transparência e revisão independente dos materiais selecionados (Araújo et al., 2025).

O programa contribui significativamente para o aprimoramento da sociedade brasileira, pois, por meio de seu auxílio, o ensino se aperfeiçoa e futuros profissionais são formados. O PNLD apresenta em suas coleções conteúdos de diversas áreas do conhecimento como já citado, possibilitando múltiplas abordagens que os professores utilizam com os alunos nas regiões onde os livros didáticos são distribuídos para a rede de ensino (Brasil, 2021).

O programa busca aprimorar a qualidade e a transparência das políticas públicas de distribuição de livros e materiais didáticos, por meio de processos avaliativos estruturados que garantem coerência com os objetivos educacionais nacionais e asseguram revisão independente dos materiais (Araújo et al., 2025).

O histórico do PNLD disponível no *site* do FNDE relata que de 1937 até 2012, ocorreram diversas mudanças que levaram o programa a passar por reformulações voltadas à sua melhoria, até assumir a forma atual, atendendo toda a educação básica, com exceção da educação infantil, sempre alinhado às políticas educacionais do país. De acordo com o FNDE, em 2012 foi dado um passo muito importante, pois foram disponibilizados recursos digitais, modernizando o programa por meio da tecnologia e oferecendo novos meios de aprendizagem além do livro didático físico (Brasil, 2025).

2 PERSPECTIVAS DECOLONIAIS E NEGRITUDE

O colonialismo mesmo nos dias atuais é visto por existir entre as populações os modelos europeus como exemplo de dominância entre culturas, sociedade e economia mesmo com o fim das colônias (Munanga, 2019). Com isso o modelo decolonial surgiu para quebrar essa barreira e deixá-los de tratar como únicos e superiores, ou seja, desmistificar a ideia de que a Europa é o modelo universal da humanidade, civilização, razão e progresso.

As desigualdades populacionais muitas vezes afetam a aceitação cultural. Os modelos europeus são prejudiciais por trazerem para outras culturas a desvalorização das mesmas (Oliveira; 2025). O decolonialismo também é um ato de autoaceitação e resistência, pois é reconhecer a si mesmo, fora dos padrões impostos pela branquitude europeia. Fanon (2008) sinaliza que “muitos negros acreditam neste fracasso de legitimidade e declaram uma guerra maciça contra a negritude. Este racismo dos negros contra o negro é um exemplo da forma de narcisismo no qual os negros buscam a ilusão dos espelhos que oferecem um reflexo branco” (Fanon; 2008, p. 15). Nessa direção, o autor sublinha que “o negro é um homem negro; isto quer dizer que, devido a uma série de aberrações afetivas, ele se estabeleceu no seio de um universo de onde será preciso retirá-lo. [...] Pretendemos, nada mais nada menos, liberar o homem de cor de si próprio (Fanon, 2008, p. 26).

O colonialismo é como uma prisão, impossibilitando a liberdade de ir e vir e de expressar seus sentimentos. O educador tem a chance de trazer esperança quebrando o colonialismo nas escolas, quando presencia um preconceito acontecendo entre os estudantes, esses que na maioria das vezes são crianças, trazendo para os mesmos, assuntos que mostrem as suas histórias de luta e não somente usando frases como “são crianças” ou “todos somos iguais” (Silva, 2010).

O processo do decolonialismo é árduo e longo (Mignolo, 2019). Durante anos, foi passado para as diferentes culturas que a predominância e a melhor forma de vida era o formato europeu, tornando essa revolta silenciosa em luta coletiva, rompendo tabus para que todos possamos viver de forma justa e livre, quebrando o espelho europeu para construir outros reflexos, onde nos enxergamos por completo, desamarrando os pensamentos de que, para se conquistar algo e realizar sonhos, só acontece se formos e seguirmos o modelo europeu.

Os decoloniais problematizam a pretensão de universalidade de saberes dominantes, defendendo a validação de saberes locais, afro-diaspóricos e periféricos como legítimos produtores de conhecimento e ação política. Essa perspectiva dialoga com a crítica à colonialidade do saber e à hegemonia eurocêntrica, enfatizando a necessidade de epistemologias plurais e interculturais (Melo, 2024; Mpofu, 2017; Mosima, 2018).

As conquistas do processo de decolonialismo são vistas quando nos aceitamos como realmente somos, quando aceitamos nossa cor, nossa voz e aprendemos a nos ver com dignidade, ou seja, quando aceitamos nossa identidade sem medo e isso se resulta na vitória de uma luta que era silenciada dando respostas viventes as imposições da branquitude como medida universal. A tradição da negritude, enquanto movimento de afirmação histórica, funciona como ponto de partida para descentrar narrativas ocidentais e abrir espaço para críticas e reconstruções de identidade, cultura e prática política sob uma lógica decolonial (Mosima, 2018; Mpofu, 2017).

Quando se fala em negritude surgem vários questionamentos: se trata somente da pessoa preta? fala sobre suas ancestralidades? fala sobre a escravidão nos tempos coloniais?. Munanga (2012) assinala que a negritude é por sua vez um movimento que abrange vários assuntos como, político, filosófico e cultural que nasceu da necessidade de afirmar a identidade, a dignidade do povo preto diante de séculos de opressão, racismo e desvalorização.

A negritude surge como uma resposta ao apagamento e à desvalorização das identidades negras no contexto colonial, propondo uma recuperação de memória, ancestralidade e dignidade coletiva. O movimento é formulado, em parte, pela crítica à lógica civilizacional ocidental que marginaliza o ser negro, ao mesmo tempo em que busca construir um vocabulário estético e político para expressar a experiência negra no mundo moderno (Santos et al., 2023; Rabaka, 2015).

Sendo assim a negritude é um grito de existência fazendo com que nós possamos reconhecer que existe beleza, inteligência e força nas raízes africanas. No Brasil e em outros países da América, a negritude se manifesta como resistência no dia a dia, quando uma pessoa preta faz arte, educação, e quando se está na política em causas de lutas sociais que reivindicam igualdade e representatividade.

A negritude é um movimento intelectual, literário e político emergente entre as décadas de 1930 e 1940, centrado na afirmação de identidades negras, na valorização das culturas africanas e da diáspora e na crítica ao colonialismo e ao racismo. Seu desenvolvimento histórico é sustentado por figuras como Aimé Césaire (1950), Léopold Sédar Senghor (1964) e Léon-Gontran Damas (1947), que articulam uma resposta criativa à desumanização colonial e à hegemonia eurocêntrica, buscando afirmar a humanidade negra, a historicidade e a dignidade cultural dos povos afro- diaspóricos (Santos et al., 2023; Rabaka, 2015; Moody, 2024).

Os ambientes em que são frequentados influenciam na maneira de viver, a autoaceitação está imposta a maneira em que a pessoa preta deseje viver. Isso na maioria das vezes dificulta

o movimento da negritude pois o colonialismo tende a dominar o pensamento da pessoa preta a tornando racista. Segundo Fanon (2008, p. 34) “Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negritão, seu mato, mais branco será”

Nessa seara, “é fundamental se compreender teorias, conceitos e explicações supostamente científicas do passado que serviram, em muitos casos, para validar a perseguição e supressão social de grupos humanos” (Santos et al, p. 45), assim, observa-se que o racismo ocorre, muitas vezes, de forma sutil e acaba passando despercebido na maioria das situações. No que se refere aos livros didáticos, foi possível identificar que a ausência de produções científicas e de protagonismo negro, especialmente na representação por meio de imagens, contribui para a manutenção de práticas racistas. Essa invisibilidade impacta negativamente o processo de aprendizagem de estudantes negros, que utilizam esse material sem encontrar referências visuais com as quais possam se identificar. Aceitar a sua própria negritude pode ser o maior obstáculo para as pessoas pretas por falta de incentivos visíveis na história de conquista de pessoas pretas.

Em alguns momentos a negritude pode ser ligada ao decolonialismo, porém os conceitos são diferentes e por isso devem ser vistos com outros olhares, a negritude aborda a experiência preta e suas culturas de ancestralidade com a finalidade de combater o racismo, fazendo a reconstrução e elevando a autoestima do povo preto (Melo; 2024). Já o decolonialismo busca desconstruir os modelos europeus propondo mudanças, para um pensamento que persegue as diferentes culturas há séculos de existência. Sendo assim, a negritude é o ato de orgulho de ser quem se é, e o decolonialismo é o ato de libertar o mundo do olhar que tentou definir quem deveríamos ser (Munanga, 2019).

3 METODOLOGIA

A pesquisa, com abordagem qualitativa, se direciona à análise documental, através de uma coleção de livros didáticos de Ciências dos anos finais do Ensino Fundamental, da editora Moderna, publicada no ano de 2022 para uso nas escolas nos anos de 2024 a 2027, relacionando a imagem da pessoa preta e como ela está inserida no material. Inicialmente, foram realizadas buscas sobre teóricos que abordam o tema da representatividade preta nos livros didáticos como Ana Célia da Silva e o decolonialismo, relacionados aos povos historicamente oprimidos, como Aimé Césaire, fundador do movimento literário e político da negritude.

Césaire se aproxima da definição de intelectual negro, a partir do momento em que utiliza em seus escritos o seu “poder da experiência” em que destaca suas vivências e experiências numa sociedade colonialista e racista. Importante destacar que sua questão não está apenas em uma produção para si, mas tornar suas ideias em pontos de libertação e emancipação social e racial. (Melo, 2024, p. 91).

Tendo em vista que os materiais didáticos são utilizados para auxiliar no desenvolvimento e aprendizagem, os livros contribuem com a formação de cidadãos críticos capazes de debater sobre suas origens e lutar contra o racismo existente no Brasil. Segundo Silva e Tobias (2016, p. 6), “[...] o racismo e a discriminação racial são fenômenos presentes na sociedade brasileira, e a cor, ao contrário do senso comum da época, é critério que fundamenta o tratamento desigual entre negros e brancos”.

Os livros didáticos são ferramentas que tem como finalidade a melhoria do desempenho e da aprendizagem no ambiente escolar e se utilizados como auxiliares pelos professores, vários problemas existentes na sociedade terão solução, como a falta de conhecimento científico.

De acordo com os dados gerados, serão contempladas como está relacionada a presença ou ausência da pessoa preta nos livros didáticos de Ciências, ou seja, a função social atribuída aos sujeitos representados, como, por exemplo, cientista ou trabalhador, a valência da representação, ou seja, se está sendo vista positivamente ou negativamente, e, dentro da colonialidade, se está sendo vista silenciosamente. Todos esses aspectos serão analisados dentro do contexto da Ciência.

A coleção de livros analisados é titulada “Araribá Conecta-Ciências”, destinada as turmas do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental, apresentando um *design* colorido e moderno, atraindo a atenção dos estudantes, com ilustrações que remetem ao estudo científico e a natureza. Na centralidade da capa do livro é possível verificar de forma destacada o título em letras grandes e de fácil leitura, acompanhado do logotipo da Editora Moderna, responsável pela publicação, como vemos na figura 1.

Figura 1 - Livros utilizados para o desenvolvimento da pesquisa.



Fonte: Editora Moderna, 2022

O título Araribá Conecta reforça a ideia de ligação entre conhecimento porque a metodologia de ensino relaciona os conteúdos a tecnologia e ao mundo real, incentivando uma aprendizagem mais participativa e significativa por meio da realidade do aluno.

Os critérios de inclusão utilizados foram: obra publicada em 2022 para uso nas escolas no período de 2024-2027 de Ciências, direcionadas aos anos finais do ensino fundamental; e, utilizados na rede pública de ensino, sendo excluídos: materiais suplementares, como apostilas, cadernos de atividades e guias do professor sem conteúdo expositivo destinado ao estudante; Livros que não falem sobre o ensino de Ciências; Mais de uma coleção dos livros didáticos de Ciências.

Os resultados foram apresentados em ordem crescente do 6º ao 9º ano, a partir de imagens selecionadas (4 imagens do 6º ano), (3 imagens do 7º ano), (2 imagens do 8º ano) e (1 imagem do 9º ano) para compor os elementos textuais tendo em vista que o livro possui várias imagens e figuras ilustrativas, foram escolhidas as imagens que mais se fizeram relevantes para alcançar os objetivos da pesquisa.

A cada obra, será relatado o conteúdo e a imagem associada, analisando a forma como ela representa os diferentes grupos sociais e raciais presentes no livro didático. Os livros não apresentam apenas imagens de pessoas reais, mas também figuras e ilustrações que representam indivíduos de diferentes raças. Essas representações em forma de desenho enriquecem a

diversidade visual da obra, valorizando a pluralidade humana de maneira lúdica e acessível.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No livro didático do 6º ano está presente imagens de pessoas em diferentes contextos e conteúdos, na figura 2 podemos visualizar um homem branco participando da estação que é utilizada para cientistas monitorar, através das fotos retiradas no local e compartilhadas nas redes sociais, as quais ajudam na observação do ambiente como na análise de informações e nas alterações do ecossistema.

Figura 2 - Conteúdo O ecossistema: CoastSnap, projeto de ciências cidadã para o monitoramento de praias.



Fonte: Aribabá Conecta Ciências, 2022, p. 19

A imagem evidencia a centralidade da figura branca no campo científico, reforçando a associação histórica entre ciência e branquitude. A ausência de diversidade racial nesse contexto específico sugere a manutenção de um imaginário científico excludente, no qual sujeitos negros permanecem sub-representados. Quando falamos em imagens pensamos em varias possibilidades de coisas a serem vistas. No livro didático de ciências do 6º ano na pagina 30, é abordado conteúdo sobre os indígenas, esses que são destacados como peças-chave para a conservação do ambiente, algo muito importante a ser pontuado pois mesmo os povos indígenas sendo considerados indivíduos de tamanha importância são pouco vistos nesse material.

Figura 3 - Conteúdo Relações Alimentares nos Ecossistemas: Compreender um texto, Povos Indígenas e o Ambiente



Fonte: Aribabá Conecta Ciências, 2022, p. 30

Outra questão essencial é a Arte que pode ser relacionada a qualquer área, são histórias retratadas muitas vezes através das mãos do artista, no livro didático de ciências esta inserida a imagem de um homem preto artesão, trabalhando em uma obra tradicional da arte marajoara, o que une essa arte a ciência é a arqueologia que utiliza métodos científicos para estudar e interpretar cultura.

Figura 4 - Conteúdo Os Materiais.



Fonte: Aribabá Conecta Ciências, 2022, p. 30

O microscópio tem funções importantes na ciência , pois é um aparelho que ajuda o cientista analisar sua pesquisa de forma mais detalhada, sendo assim é uma ferramenta tecnológica essencial para um melhor desenvolvimento das pesquisas, com a ajuda dele é possível detectar doenças e auxiliar em vários conteúdos, a (figura 5) trás o uso do microscópio por meio de uma mulher preta contribuindo para pesquisas científicas.

Figura 5 - Conteúdo Níveis de Organização dps Seres Vivos: Pensar ciências, o impacto da comunidade e da tecnologia no desenvolvimento científico.



Fonte: Aribabá Conecta Ciências, 2022, p. 163

Sendo assim no livro didático do 6º ano há representatividade preta, mas de forma pontual e limitada, as aparições contidas no livro indicam tentativa de inclusão e diversidade racial, mas ainda de forma reduzida se comparada com as aparições de pessoas brancas no livro. A representatividade preta está mais associada a arte, ciência, saúde ou seja ao contexto de trabalho e menos em situações cotidianas, familiares ou de lazer, já as pessoas brancas estão representadas em quase todas as temáticas. Esses contextos enfatizam a participação social e profissional mas não apresentam aspectos históricos da presença negra no Brasil.

Quadro 1- Representação no livro didático do 6º ano do ensino fundamental anos finais.

Grupo representado	Contextos Principais	Frequência Aproximada	Observações
Pessoas pretas	Ciência, arte e saúde	Media/Baixa (8 imagens)	Representadas positivamente, mas sem contexto histórico.
Pessoas brancas	Ciência, turismo e família	Alta (15 imagens)	Predominam em papéis ativos, científicos e sociais no livro.
Povos indígenas	Conservação ambiental	Baixa (2 imagens)	Retratados como guardiões da natureza.
Figuras ilustrativas	Ciência, saúde.	Alta (19 imagens) imagens de pessoas não reais de diferentes raças.	Representadas em quase todos os contextos do livro, chamando a atenção dos estudantes.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2025

É natural que um livro didático ao ser avançado para um volume a mais, tenha conteúdos que modifiquem os contextos anteriores, mas mantendo a conectividade dos mesmos para unir os processos evolutivos a aprendizagem do estudante, no livro do 7º ano a (figura 6) mostra uma família compostas por pessoas pretas representando a reprodução dos seres vivos e como os filhos apresentam materiais genéticos da mãe e do pai.

Figura 6 - Conteúdo Os Seres Vivos em Reprodução.



Fonte: Aribabá Conecta Ciências, 2022, p. 15

Como citado, os livros se modificam de acordo com os avanços da obra, o livro didático de ciências do 7º ano se diferencia do livro didático do 6º ano por trazer aspectos históricos dos negros através de imagens de danças com misturas de artes marciais: o Jongo e a capoeira.

Figura 7 - Conteúdo Terra, um Planeta em Transformação: Atitudes para a vida, América e África dois continentes unidos pela cultura.



Fonte: Aribabá Conecta Ciências, 2022, p. 34

O livro de ciências abrange vários conhecimentos como observado nas imagens anteriores, outro conteúdo que pode ser visto no livro é biodiversidade e os processos evolutivos, sendo assim é necessário ter um alto conhecimento sobre as espécies existentes no planeta e por isso é essencial classificar os seres vivos, essa classificação ajuda a encontrá-los em seu *habitat*. A figura 8 é representada por um pesquisador e homem branco observando o acervo de coleções de insetos onde são encontradas várias espécies com classificações diversas.

Figura 8 - Conteúdo Por que Classificar? A importância da classificação dos seres vivos.



Fonte: Aribabá Conecta Ciências, 2022, p. 41

O livro didático de Ciências do 7º ano apresenta melhorias na diversidade de representações raciais em relação ao livro anterior, ao incluir famílias pretas e manifestações culturais afro-brasileiras. Porém, na representatividade preta, ainda persiste uma diferença na distribuição de papéis mesmo aparecendo em diversos contextos na obra, por mais que essas representações não sejam estereotipadas, elas ainda não as colocam em posições centrais de produção científica ou tecnológica, o que limita a diversidade dos papéis sociais. Essas representações reforçam o padrão de centralidade da figura branca nos espaços de ciência, tecnologia e pesquisa, além de situá-las em atividades de lazer e descobertas.

Quadro 2 - Representação no livro didático do 7º ano do ensino fundamental anos finais.

Grupo representado	Contextos Principais	Frequência aproximada	Observações
Pessoas pretas	Ciência, cultura afro- brasileira, saúde.	Media/Baixa (7 imagens)	Representadas positivamente e com manifestações Afro-brasileira.
Pessoas brancas	Ciência, Saúde, esporte.	Alta (12 imagens)	Predominam em papeis ativos, científicos e sociais.
Povos indígenas	Nobel alternativo	Baixa (3 imagens)	Líder Yanomami Davi Kopenawa, sétimo brasileiro a ganhar o prêmio nobel alternativo.
Figuras ilustrativas	Todos os contextos	Alta (20 imagens) Maioria das imagens de pessoas não reais de diferentes raças encontradas no livro.	Representados em quase todos os conteúdos do livro, chamando a atenção dos estudantes.

Fonte: (Dados da Pesquisa, 2025)

Passamos para mais uma análise, agora do livro do 8º ano, a partir de um aspecto positivo visto na obra, pois a exemplo da figura 9, há representações mais evidentes de pessoas pretas nesse livro. A imagem mostra uma mulher preta médica, verificando a pressão sanguínea de um homem também preto, ou seja, uma representação positiva, pois quando uma mulher preta preenche espaços de poder e profissões de prestígio são combatidos o racismo estrutural e o machismo.

Figura 9 - Conteúdo A Saúde dos Sistemas Cardiovascular e Linfáticos, Hipertensão.



Fonte: Aribabá Conecta Ciências, 2022, p. 55

Neste livro há representação de pessoas brancas vistas em diversos contextos como nos livros citados anteriormente, mas por perceber uma representação maior de pessoas pretas o livro é considerado o mais inclusivo. A figura 10 mostra um atleta com deficiência física executando uma manobra com *skate*, assim incluindo a pessoa preta de forma significativa também ao esporte.

Figura 10 - Conteúdo Força e Movimento.



Fonte: Aribabá Conecta Ciências, 2022, p. 119

As pessoas pretas no livro didático do 8º ano estão melhor representadas, pois nessa obra aparecem de forma mais equilibrada, ou seja, em vários contextos, tanto sociais quanto científicos e educacionais, além de situações do cotidiano e de lazer, isso demonstra que nessa obra há inclusão de pessoas pretas em diferentes papéis sociais e profissionais. Contudo é possível perceber traços de representatividade simbólica quando pessoas pretas são apresentadas em papéis de autoridade e competência, como médica preta ou atleta com deficiência, o que desafia estereótipos historicamente excludentes. E como nos demais livros, as pessoas brancas são amplamente representadas. Essa dinâmica pode ser compreendida à luz de bell hooks (2013), ao discutir a noção de “inclusão sem transformação”, na qual sujeitos historicamente marginalizados são inseridos nos espaços simbólicos sem que haja alteração estrutural nas relações de poder que organizam o conhecimento.

Quadro 3 - Representação do livro didático do 8º ano do ensino fundamental anos finais.

Grupo representado	Contextos principais	Frequência aproximada	Observações
Pessoas pretas	Ciência, família, saúde, esporte.	Alta (14 imagens)	Melhor representadas positivamente, mas sem contexto histórico.
Pessoas brancas	Ciência, família, saúde, esporte.	Alta (19 imagens) Maioria das imagens encontradas no livro.	Amplamente representada, em todos os contextos no livro.
Povos indígenas	Não aparecem	Baixa (Nenhuma imagem)	Invisibilidade histórica e cultural.
Figuras ilustrativas	Saúde, família	Media/Baixa (9 imagens) Imagens de pessoas não reais de diferentes raças.	Pouca representação.

Fonte: Dados da pesquisa, 2025

Ao analisar o livro didático do 9º ano foi possível perceber uma diminuição na representação de pessoas pretas. O livro aborda vários conteúdos, como por exemplo o evolucionismo citando Lamarck, Darwin e Wallace, cientistas que fizeram parte da história e que são pessoas brancas. A figura 11 representa uma comunidade quilombola, uma das poucas imagens representando o povo preto.

Figura 11 - Conteúdo Genética, Comunidade Quilombola.



Fonte: (Aribabá Conecta Ciências, 2022, p. 130-131)

As pessoas pretas são representadas indiretamente em contextos culturais e históricos por meio da referência à comunidade quilombola, presente no conteúdo de Genética e hereditariedade humana. Essa menção traz uma conexão com o passado histórico afro-brasileiro, já que os quilombos representam resistência, ancestralidade e identidade cultural negra no Brasil. Entretanto, o livro não explora profundamente a trajetória histórica da população preta na construção do conhecimento científico, e não mostra cientistas ou inventores pretos. Assim, embora haja uma referência histórica positiva, ela é sutil e isolada, não se integrando à narrativa principal da ciência apresentada.

Quadro 4 - Representação do livro didático do 9º ano do ensino fundamental anos finais.

Grupo representado	Contextos Principais	Frequência aproximada	Observações
Pessoas pretas	Ciência, Arte, Cultura Afro-brasileira.	Media/Baixa (8 imagens)	Representando o passado histórico afro-brasileiro (quilombolas), mas sem histórico de conhecimento científico da população preta.
Pessoas brancas	Ciência, Saúde	Alta (16 imagens) Maioria das imagens encontradas nos livros.	Predominam os papéis ativos científicos e sociais no livro.
Povos indígenas	Não aparecem	Baixa (Nenhuma imagem)	Invisibilidade histórica e cultural
Figuras ilustrativas	Todos os contextos	Alta (14 imagens) imagens de pessoas não reais de diferentes raças.	Representados em quase todos os contextos do livro, chamando a atenção dos estudantes.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2025

A análise dos livros didáticos de Ciências do 6º ao 9º ano evidencia um processo gradual, mas ainda limitado, de inclusão da população negra e indígena na representação imagética e simbólica das obras. Embora se perceba, especialmente a partir do 8º ano, uma ampliação da presença de pessoas pretas em contextos de prestígio e diversidade de papéis sociais como médicas, atletas e pesquisadoras, as representações ainda se mostram pontuais e desprovidas de densidade histórica e epistemológica. Essa superficialidade reflete o que Bell Hooks (2013) denomina de inclusão sem transformação, em que corpos negros são inseridos na narrativa dominante sem que se altere a estrutura eurocêntrica que organiza o saber e o poder, ou seja, no pensamento da autora, a presença não altera estruturas de poder, normas e ideologias opressivas.

Ao longo das análises realizadas dos livros, a branquitude permanece como o padrão de referência, ocupando posições de autoridade científica, tecnológica e intelectual, enquanto os corpos pretos são frequentemente vinculados a práticas culturais, ao trabalho manual ou à dimensão estética. Essa hierarquização simbólica reforça o que Carneiro (2002) chama de epistemicídio, ou seja, a negação do pensamento e da produção intelectual negra dentro dos espaços de legitimação do conhecimento. A ausência de cientistas negros ou indígenas nas seções que tratam da história da ciência confirma a persistência de um currículo invisibilizador, que reproduz desigualdades raciais e de gênero na construção das identidades estudantis.

Segundo Coutinho et al. (2010), as imagens presentes nos livros didáticos de Biologia exercem diferentes funções didáticas, podendo contribuir ou não para a construção do conhecimento científico. Nesse sentido, os autores analisaram o quantitativo de imagens por meio de gráficos e percentuais, considerando diferentes níveis de carga cognitiva, classificados como baixa ou alta. A partir dessa abordagem, o estudo organizou os livros didáticos de Ciências em quadros quantitativos, estabelecendo categorias de análise que consideram a frequência de imagens, sendo de 0 a 5 imagens como baixa, de 5 a 10 como média/baixa e acima de 10 como alta.

Embora as imagens analisadas indiquem uma intenção de diversidade, a ausência de narrativas que contemplem epistemologias afro-brasileiras e indígenas demonstra que o protagonismo negro ainda não foi efetivamente incorporado à educação científica. A inserção de figuras como a mulher preta cientista, quando ocorre, rompe simbolicamente com o imaginário hegemônico, mas permanece isolada, sem continuidade ou problematização crítica. A leitura comparativa entre as obras mostra uma oscilação entre a visibilidade e o apagamento: o 6º e o 7º anos apresentam tímidos avanços, com aparições pontuais; o 8º ano representa um marco mais inclusivo, ao retratar mulheres pretas e pessoas com deficiência em

posições de poder; enquanto o 9º ano retorna a uma lógica de invisibilidade, centrando-se novamente em cientistas brancos. Essa regressão confirma o que Gonzalez (1988) denominou de racismo por omissão, que se manifesta na ausência de narrativas e na exclusão silenciosa da contribuição negra à formação científica do país.

A partir dos resultados obtidos, foi possível identificar implicações relevantes para o ensino de Ciências nas escolas públicas. A centralidade da branquitude como referência do conhecimento científico contribui para a construção de um currículo excludente, no qual estudantes pretos e indígenas encontram dificuldades de identificação com os materiais utilizados em sala de aula. Essa ausência de representatividade pode provocar desmotivação, afetar a autoestima acadêmica e influenciar negativamente o interesse pela ciência, bem como a percepção sobre quem pode ocupar espaços de produção do conhecimento. Ademais, a falta de narrativas históricas sobre cientistas negros e indígenas reforça um modelo eurocêntrico de ciência, limitando a compreensão dos estudantes acerca da diversidade de saberes e trajetórias que constituem a produção científica. Essa dinâmica favorece a reprodução de desigualdades raciais no ambiente escolar, uma vez que os livros didáticos, enquanto principais mediadores do conhecimento nas escolas públicas, acabam por legitimar hierarquias sociais e raciais.

Sob uma perspectiva feminista interseccional, como Crenshaw (2002), é possível perceber que a questão racial e de gênero se entrelaçam na produção dos materiais didáticos, de modo que as mulheres negras aparecem em número reduzido e quase sempre associadas ao cuidado ou à saúde, raramente à liderança científica. Essa ausência sistemática não é neutra: ela molda o imaginário dos estudantes sobre quem pode ser sujeito do conhecimento, perpetuando desigualdades simbólicas e estruturais (Crenshaw, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das obras didáticas de Ciências dos 6º, 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental, publicadas pela Editora Moderna, permitiu identificar avanços, permanências e lacunas na representação racial e social dentro dos conteúdos e imagens que compoem o material pedagógico. De maneira geral, observou-se que a diversidade racial está presente nas quatro obras, porém de forma desigual e, em muitos casos, limitada a contextos específicos.

A crítica aos livros analisados deve ir além da contagem de imagens ou da presença quantitativa de corpos diversos. É preciso questionar quais narrativas são legitimadas e quais continuam sendo silenciadas. Como afirma Kilomba (2019), “falar é um ato político”, e, na escola, permitir que vozes negras, femininas e indígenas falem e ensinem é condição

fundamental para descolonizar o currículo e construir uma educação verdadeiramente antirracista e emancipatória.

A partir das proposições apresentadas, dialoga-se com bell hooks (2013), ao evidenciar o compromisso da educação com a emancipação negra e com a construção de práticas pedagógicas que reconheçam a população negra como protagonista histórica e social, superando sua posição marginalizada nos discursos educacionais. Promover uma educação que valorize todas as raças e culturas é um compromisso pedagógico e ético, indispensável para a formação de estudantes críticos, conscientes e capazes de reconhecer a diversidade como elemento essencial da ciência e da sociedade.

Recomenda-se que pesquisas futuras analisem outras coleções didáticas e editoras, e promovam uma abordagem interdisciplinar, integrando o ensino de Ciências com temas de história e da cultura Afro-brasileira conforme a Lei nº 10.639/2003, permitindo uma comparação mais ampla sobre como a diversidade racial é tratada em diferentes materiais de Ciências. Sendo assim é essencial que os próximos livros incluam biografias e contribuições de cientistas negros, brasileiros e estrangeiros, de modo a reconhecer e legitimar sua participação no desenvolvimento científico mundial.

Portanto o conjunto de análises evidencia que os livros de Ciências vêm avançando lentamente em direção a uma educação científica mais plural e inclusiva, mas ainda refletem estruturas de desigualdade racial que permeiam a produção do conhecimento no Brasil.

Dessa forma, considera-se que, embora as obras demonstrem avanços graduais na representatividade preta ao longo da coleção, especialmente até o 8º ano, ainda há uma distância significativa entre a proposta de diversidade e a prática efetiva da inclusão racial e histórica nos livros de Ciências. As imagens reforçam, de maneira recorrente, a centralidade da branquitude como símbolo de conhecimento científico, enquanto as pessoas pretas permanecem sub-representadas ou limitadas a papéis culturais e cotidianos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. et al. Análise baseada em dados para melhorar políticas educacionais: um caso no Programa de Livros Didáticos do Brasil. **Conferência sobre Pesquisa em Governo Digital**, v. 26, 2025. DOI: 10.59490/dgo.2025.1023. Disponível em: https://proceedings.open.tudelft.nl/DGO2025/article/view/1023. Acesso em: 11 out. 2025.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani; DA SILVA, Márcia Cabral. Cultura escrita na escola primária: a circulação de livros didáticos para ensino de leitura (1928-1961). **Revista**

Brasileira de História da Educação, v. 16, n. 1, p. 373-403, 2016. Acesso em: 16 out. 2025.

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)**. Brasília: FNDE, 28 out. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/historico>. Acesso em: 04 out. 2025.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: a Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma Perspectiva de Gênero. In: ASHOKA; TAKANO (Orgs.). **Racismos Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2002. p. 1-6.

CAVALCANTI, Erinaldo Vicente. História, livro didático e formação docente: produção, limites e possibilidades. **Antíteses**, v. 11, n. 22, p. 516, 30 jan. 2019. Universidade Estadual de Londrina. DOI: 10.5433/1984-3356.2018v11n22p516. Acesso em: 16 out. 2025.

CAVALCANTI, Erinaldo Vicente. Livro didático: produção, possibilidades e desafios para o ensino de História. **Revista História Hoje**, v. 5, n. 9, p. 262-284, 2016. Disponível em: <https://funartemaisdigital.funarte.gov.br/periodicos/livro-didatico-producao-possibilidades-e-desafios-para-o-ensino-de-historia/>. Acesso em: 16 out. 2025.

COUTINHO, Francisco Ângelo; SOARES, Adriana Gonçalves; BRAGA, Selma Ambrosina de Moura; CHAVES, Andréa Carla Leite; COSTA, Fernanda de Jesus. Análise do valor didático de imagens presentes em livros de Biologia para o ensino médio. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, [S. l.], v. 10, n. 3, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4085>. Acesso em: 8 dez. 2025. pp. 1-18.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Revista Estudos Feministas**. Ano 10 (1). Florianópolis, 2002. p.171-188. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt> Acesso: 11 de nov. 2025.

DA SILVA, Ana Célia. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**. SciELO- EDUFBA, 2010. Acesso em: 14 out. 2025. Escola Municipal Padre Luis Barbosa Leite. Projeto Politico Pedagógico - PPP. Piaçabuçu, 2025.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Prefácio de Lewis R. Gordon. Salvador: EDUFBA, 2008. Acesso em: 11 out. 2025.

GONZÁLEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: a Educação como Prática da Liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Tradução de

Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MELO, Marcos Rafael Andrade de. Aimé Césaire: conexões transatlânticas, intelectualidade e críticas contra coloniais na obra “O Discurso sobre o colonialismo (1950)”. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Goiás. 2024. 190 páginas. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/Marcos_Rafael.pdf Acesso em: 28 ago. 2025.

MICHEL, F. A origem do livro didático. **Brasil Escola**, 2015. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-origem-livro-didatico.htm>. Acesso em: 14 out. 2025.

MIGNOLO, Walter D. A colonialidade está longe de ter sido superada, logo, a decolonialidade deve prosseguir. Museu de Arte de São Paulo – **Masp Afterall**. São Paulo: Assis Chateaubriand, 2019. Disponível em: <https://assets.masp.org.br/uploads/temp/temp-YC7DF1wWu9O9TNKzCD2.pdf>. Acesso em: 12 out. 2025.

MODERNA. **Aribabá Conecta Ciências**: 6º ano. 1ª edição. São Paulo: Moderna, 2022. Disponível em: <https://moderna.com.br/escola-publica/pnld/ciencias/moderna-arariba-conecta-ciencias/#volume1> Acesso em: 28 ago. 2025.

MODERNA. **Aribabá Conecta Ciências**: 7º ano. 1ª edição. São Paulo: Moderna, 2022. Disponível em: <https://moderna.com.br/escola-publica/pnld/ciencias/moderna-arariba-conecta-ciencias/#volume2> Acesso em: 28 ago. 2025.

MODERNA. **Aribabá Conecta Ciências**: 8º ano. 1ª edição. São Paulo: Moderna, 2022. Disponível em: <https://moderna.com.br/escola-publica/pnld/ciencias/moderna-arariba-conecta-ciencias/#volume3> Acesso em: 28 ago. 2025.

MODERNA. **Aribabá Conecta Ciências**: 9º ano. 1ª edição. São Paulo: Moderna, 2022. Disponível em: <https://moderna.com.br/escola-publica/pnld/ciencias/moderna-arariba-conecta-ciencias/#volume4> Acesso em: 28 ago. 2025.

MOODY, Alys. Black mythologies: René Mênil, negritude, and the critique of anticolonial primitivism. **Comparative Literature**, [S. l.], v. 76, n. 2, p. 179–200, 1 jun. 2024. Duke University Press. DOI: 10.1215/00104124-11060559. Acesso em: 11 out. 2025.

MOSIMA, P. M. Filosofia africana francófona: história, tendências e influências. **Filosofia Theoretica**: Jornal de Filosofia, Cultura e Religiões Africanas, [S. l.], v. 1, p. 1–33, 2018. DOI: 10.4314/ft.v7i1.1. Disponível em: [\[https://www.ajol.info/index.php/ft/article/view/172616\]](https://www.ajol.info/index.php/ft/article/view/172616)(<https://www.ajol.info/index.php/ft/article/view/172616>). Acesso em: 11 out. 2025.

MPOFU, William Jethro. Colonialidade na disputa pelo conhecimento africano: uma perspectiva política decolonial. **Africanus**: Journal of Development Studies, [S. l.], v. 43, n. 2, p. 105–117, 2017. DOI: 10.25159/0304-615X/2305. Disponível em: [\[https://unisapressjournals.co.za/index.php/Africanus/article/view/2305\]](https://unisapressjournals.co.za/index.php/Africanus/article/view/2305)(<https://unisapressjournals.co.za/index.php/Africanus/article/view/2305>). Acesso em: 11 out. 2025.

MUNAKATA, Kazumi. Livro didático como indício da cultura escolar. **História da Educação**, v. 20, p. 119–138, 2016. Acesso em: 14 out. 2025.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 6–14, 2012. Disponível em: https://abpnrevista.org.br/site/article/view/246[(https://abpnrevista.org.br/site/article/view/246)]. Acesso em: 12 out. 2025.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude** – nova edição: usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

PEROVANO, Ana Paula; BARCELOS AMARAL, Rubia. Livro didático como recurso pedagógico: conceito, função, escolha e uso. **Revista Binacional Brasil-Argentina: Diálogo entre as Ciências**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 16–32, 2023. DOI: 10.22481/rbba.v12i02.13768. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/rbba/article/view/16440[(https://periodicos2.uesb.br/rbba/article/view/16440)]. Acesso em: 12 out. 2025.

SILVA, L. N.; MEGLHIORATTI, F. A. Análise de livros didáticos de biologia em periódicos de ensino: o que trazem as pesquisas? **Vidya**, v. 40, n. 1, p. 259–278, 2020. Acesso em: 14 out. 2025.

SILVA, R. da; TOBIAS, J. da S. A educação para as relações étnico-raciais e os estudos sobre racismo no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 65, p. 177–199, 2016. Acesso em: 12 out. 2025.